

mente agitado e contou-lhe o horrível sonho que tivera. Estava em um quarto todo branco que tinha uma luz suspensa do teto. Em u'a mesa ao centro do quarto estava uma figura coberta com um lençol, inclinada para trás, mas com os joelhos dobrados. Via-se-lhe o rosto mutilado e irreconhecível. Seguiu-se depois certo simbolismo teológico que com toda certeza queria significar a morte. Uma figura diabólica estava puxando uma espécie de roupa de baixo que finalmente conseguiu soltar e levar com ela através de labaredas.

No dia seguinte, chamaram o Sr. G. ao hospital, interrompendo-lhe o trabalho. Levaram-no à sala de operações onde, logo que entrou, reconheceu imediatamente a cena do sonho da noite anterior. Lá estava o quarto todo branco, a lâmpada pendente do teto e a mesa no centro com a figura na posição prevista, com os joelhos dobrados para cima, e o rosto mutilado impossível de reconhecer-se. Tinham-lhe dito quando o chamaram para ir ao hospital que o tio Jim sofrera um acidente. Um automóvel o atropelara quando saltava de um bonde. Morreu antes que o Sr. G. tivesse deixado o hospital.

Tem-se feito e publicado coleções dessas experiências de precognição. Constituem leitura impressionante e não deixam dúvida alguma quanto à necessidade de investigar-se a questão da precognição. A natureza da hipótese da profecia, contudo, é tal que a maior parte das pessoas exige mais do que relatos de experiências espontâneas para aceitá-la. Não é possível a qualquer pessoa avaliar sempre corretamente as possibilidades. Inexatidões ocasionais de testemunho ou de interpretação e outros fatores concorrem para uma opinião final.

Todavia, não foram os casos espontâneos que conduziram originariamente às expressões de precognição. Representaram certo papel como telão de fundo, mas chegamos às experiências como passo lógico em seguida aos próprios resultados do ESP. A prova que obtivemos no outono de 1933, relativamente à correlação da percepção extra-sensorial para com o mundo físico, tornou o ESP de acontecimentos futuros corolário razoável senão logicamente necessário. A concepção que o espírito é capaz de transcender as limitações do

tempo apresentava-se como conseqüência natural das experiências à distância com ESP. Se o ESP era livre do espaço, deveria também ser livre do tempo dentro do nosso universo de espaço-tempo da física. O tempo é função da mudança espacial — isto é, o movimento físico no espaço exige tempo; donde estar fora do espaço é igualmente estar fora do tempo. A percepção dos acontecimentos passados ou futuros estava, portanto, de acôrdo com a percepção de acontecimentos distantes. Não havia como fugir racionalmente a esta conclusão, mas impunha-se a confirmação objetiva empírica que a simples lógica sempre exige.

* * *

A primeira experiência de precognição que utilizamos foi o DT-precognitivo, ou PDT. Começou como simples modificação da experiência DT já descrita. Em DT o sujeito experimentava identificar as cartas através do baralho inteiro, deixando-se as 25 cartas na mesma posição até esgotar-se o exame. Na experiência de PDT, êle teria de experimentar prever a ordem das cartas do baralho como deveria ser quando fôssem baralhadas certo número de vezes depois de um prazo fixado. Pediu-se aos mesmos indivíduos que tinham ficado bem acima da "probabilidade" nas experiências DT que vissem se podiam atingir marcações significativamente elevadas nas experiências PDT. Os sujeitos fizeram as chamadas e as registraram como nas experiências DT e em seguida baralharam-se as cartas e registrou-se a ordem. A verificação e o cômputo do número de sucessos foram idênticos aos de DT.

Com toda a certeza algo aconteceu além do acaso. Os sucessos nas experiências PDT foram aproximadamente iguais aos que os mesmos pacientes haviam alcançado nas experiências simples de DT. Todavia, o processo DT não era o que produzia contagem mais elevada para qualquer indivíduo. Em conseqüência, o número de sucessos, tanto para DT como para PDT, foram comparativamente baixos, entre 5 e 6 sucessos para 25 chamadas. Mas assim se conservaram em mais de 4.500 exames do baralho, de sorte que a probabilidade era de 400.000 contra 1 para que somente o acaso tivesse